

(DES)SUBJETIVAÇÕES BILÍNGÜES NO CIBERESPAÇO¹

Márcia Aparecida Amador MASCIA
marciaaam@uol.com.br
Universidade São Francisco (USF)
Universidade de Taubaté (UNITAU)

INTRODUÇÃO

Em nosso mundo contemporâneo, inquestionavelmente a língua inglesa (língua estrangeira) tem desempenhado um papel muito importante, papel este discursivamente construído que coloca em funcionamento um imaginário que afeta também a língua portuguesa (língua materna) e, em especial, em nosso caso, quando ambas se confrontam no ambiente virtual. Por sua vez, o ambiente virtual constitui-se em um meio no qual novos modos de distribuição dos sujeitos, de seus discursos e dos efeitos de sentido desses discursos podem ocorrer, conforme pretendemos investigar.

Assim, sob a perspectiva da análise do discurso, articulanda-a com recortes da psicanálise e da desconstrução, o objetivo deste artigo é problematizar a concepção de sujeito, ou melhor, de cibersujeitos bilíngües, no ambiente virtual. Partindo-se do pressuposto de que a identidade está em constante movimento, é construída nas e pelas práticas discursivas, conforme a posição discursiva que o sujeito ocupa, o que o leva a se reconhecer em múltiplas identificações, hipotetizamos que tanto a desterritorialização ocasionada pelo ciberespaço quanto o desejo e o lugar ocupado na língua do outro constituem-se em terrenos férteis para que haja esse deslocamento.

O *corpus*² consiste em interações no ciberespaço, como e-mails, e também entrevistas obtidas através de um questionário que visou verificar o papel da língua inglesa no imaginário discursivo e na construção identitária dos falantes de língua portuguesa, como primeira língua, no ambiente virtual.

IDENTIDADE, LÍNGUA MATERNA, LÍNGUA ESTRANGEIRA E CIBERESPAÇO

A identidade não é fixa no tempo, nem imóvel, nem inata, mas sim formada ao longo do tempo, através de processos inconscientes, imaginários ou fantasiados e sempre inacabados. Assim, segundo Hall:

¹ Este artigo faz parte do Projeto Temático “Da Letra ao Pixel e do Pixel à Letra no Ensino-Aprendizagem de Língua: uma Análise Discursiva da Linguagem do e sobre o Virtual”, coordenado pela Profa. Dra. Maria José R. F. Coracini.

² Parte do *corpus* foi baseado em material utilizado na Monografia de Final de Curso “A Construção de Identidade via Língua Inglesa no Ciberespaço” pela aluna Cláudia Maria Camargo sob minha orientação.

“em vez de falar de identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de *identificação*, e vê-la como um processo em andamento. A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de *uma falta* de inteireza que é “preenchida” a partir de nosso *exterior*, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por *outros*”. (HALL, 1992, p. 39)

Se, por sua vez, pensarmos o estatuto da LM e LE para o sujeito bilíngüe, a partir das formulações acima, podemos postular que o sujeito procura esse prazer fantasiado da plenitude (o gozo, para Lacan) na LE que se oferece como o estatuto do outro e do lugar onde tudo é permitido, onde é possível dar vazão aos desejos inconscientes, recalçados, interditados, criando a ilusão da liberdade, pois, conforme afirma Melman:

“(…) pode-se falar uma língua estrangeira com mais facilidade do que sua própria língua, como se tivéssemos triunfado a barreira oposta pela significância e que tudo, a partir de então, pudesse ser dito”. (MELMAN, 1992, p. 33)

A LM, por sua vez, consistiria “[n]aquela na qual, para aquele que fala, a mãe foi interdita” (op., cit., p. 32), barrando o sujeito, que, como consequência, vai dar vazão na LE. Desde então, o inconsciente do sujeito bilíngüe “torna-se não mais estruturado como uma linguagem, mas como uma língua. Uma língua calada que lhe seria interdita articular, clandestina” (op., cit., p. 18), de onde o sofrimento do sujeito identificado com o pai desta língua e que, ao se inscrever na outra língua, se permite fantasmaticamente tudo dizer. Porém, segundo Melman, isso:

“[não passaria de um] ideal humanista com o qual ele tenta seduzir o próprio Mestre, sem perceber que desta forma só faz se juntar ao dele, ou seja, aderir ao ideal do mestre”. (id. *ibid.*).

Se, pensarmos, por sua vez, os deslocamentos oriundos dessa relação entre LM e LE, no ambiente virtual, certamente novas possibilidades nas relações consigo próprio e com os outros se fazem sentir. A Internet, ao romper as barreiras geográficas e temporais, permite-nos relacionar com qualquer pessoa em qualquer lugar, a qualquer momento, ou como se costuma dizer, em *real time*. Assim sendo, os textos escritos na Internet estão cada vez mais próximos da oralidade, conforme nos evidencia Levy:

“(…) o texto contemporâneo, alimentando correspondências on line e conferências eletrônicas, correndo em redes, fluido, desterritorializado, mergulhado no meio oceânico do ciberespaço, esse texto dinâmico reconstitui, mas de outro modo e numa escala infinitamente superior, a copresença da mensagem e de seu contexto vivo que caracteriza a comunicação oral”. (LEVY, 2003, p. 39)

Se, por um lado as interações cibernéticas estão mais próximas da língua falada, por outro, encontram-se mais distantes do desejo de controle do sujeito e, portanto, mais passíveis de atos falhos, efeitos indesejáveis, o que vai constituir em discursos altamente ricos para a análise da subjetividade.

Assim, postula-se a emergência de novas subjetividades neste novo espaço virtual, os cibersujeitos, para os quais, o trânsito entre o virtual e o real podem operar no mesmo sentido da LM e da LE, do dentro e do fora, estatutos identitários que se conflitam e se completam.

A CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE DO SUJEITO BILÍNGÜE NO CIBERESPAÇO

Considerando-se que “o uso de duas línguas é sempre notavelmente dessimétrico, uma valendo como língua mestre, a outra como língua escravo” (MELMAN, 1992, p. 16) e que tais manifestações do inconsciente se materializam na e pela língua, perscrutaremos os efeitos de sentidos, relacionados às subjetividades dos sujeitos, e como eles se materializam na superfície lingüística, no tange aos papéis da LM e da LE, levando-se em consideração a sua manifestação no espaço virtual.

A análise buscará apontar as imagens presentes em registros escritos nos e-mails e em entrevistas e que denunciam a constituição identitária dos sujeitos bilíngües.

De um modo geral, pudemos perceber que os e-mails investigados consistem em discursos nos quais prevalecem a LM, porém atravessados por termos em LE (inglês). Já adiantamos ao nosso interlocutor que a inserção da LE no fio do discurso da LM consiste em um efeito de sentido de ruptura de um gênero discursivo mais profissional ou acadêmico para um gênero discursivo mais pessoal, conforme exemplos, a seguir:

Exemplo (1): Dois professores de LI (XX e YY)

YY, Tudo bem?

Somente dois alunos meus deverão fazer o exame na próxima 6a feria.

[discussão de muitas questões a respeito de trabalho, em português]

Como o seu pessoal está vendo a situação?

Take care,

XX

Exemplo (2): Um professor de LI (TT) e uma aluna (PP2)

Bom dia, TT

Tudo bem?? Eu novamente...

[...] “recheei” mais o meu **speech**, contando com maiores detalhes.

Verifique para mim, por favor, se tem mais alguns erros, e me diz o que a

senhora achou.

Thank you very much

Kisses

PP2

P.S.: Me confirma o e-mail do Prof. YY, **please??** Enviei um e-mail para ele e ainda não obtive resposta....

Assim, em um primeiro olhar da materialidade lingüística, ou seja, os empregos de termos da LE pelo enunciador, mesmo em situações em que há termos correspondentes na LM, é revelador a constituição subjetiva do sujeito bilíngüe que, já afetado pela LE, incorpora no seu dizer em LM termos da LE. O sujeito, neste caso, prefere, quase que automaticamente, ou inconscientemente, marcar na segunda língua o seu lado emocional e subjetivo, dando-se o direito de irromper o seu lado emotivo, talvez, interdito pela e na LM.

O exemplo (1) traz assuntos a respeito do trabalho; alunos, exames e outras questões ocultadas em nosso texto para não comprometer uma determinada instituição, assuntos estes discorridos em LM. Porém, ao fazer a quebra de tópico, o sujeito prefere utilizar um outro código, compartilhado por ambos os interlocutores e que constitui em um deslocamento de lugar – de um sujeito profissional (*Somente dois alunos meus deverão fazer o exame na próxima 6a feria. [discussão de muitas questões a respeito de trabalho, em português] Como o seu pessoal está vendo a situação?*)-, para um sujeito pessoal (*Take care, ou seja, cuide-se*). Assim sendo, em nossa leitura, não se trata apenas de mudança aleatória de um código para outro, mas consiste em uma materialização lingüística de um efeito de sentido construído pelo imaginário discursivo no qual o sujeito se insere para se re-significar identitariamente.

Com base nos enunciados do exemplo (2), que se trata de um professor de LI (IT) e uma aluna (PP2), observa-se, neste caso, que o sujeito prefere se deslocar da LM, por esta não apresentar o mesmo efeito de sentido (pelo menos para o sujeito, perpassado pela LE) daquele materializado em LE. O sujeito (PP2) inicia utilizando a LM (*Tudo bem?, eu novamente.... [assunto sobre trabalho]*) e transita para a LE (*recheei mais o meu “speech”*), e ao discorrer em LE, para continuar a formar o seu discurso, ele faz uma opção pelo termo em LE. Mesmo existindo o seu referente em LM (“fala”, “discurso”, “apresentação”, etc., ao invés de “speech”), esta opção, possivelmente inconsciente do sujeito, revela um deslocamento identitário, ou seja, ele “optou” (inconscientemente, estamos entendendo) por não usar um termo em LM, mas sim em LE. Neste exemplo, a situação, embora aparentemente contrária a do exemplo (1), já que “speech” se refere a um trabalho acadêmico e não a questões pessoais, postulamos que o enunciado se refere a algo extremamente pessoal e subjetivo (o meu “speech”), não se trata de um “speech” qualquer, mas daquele no qual o sujeito constrói a

sua identidade. Nesse sentido, não é o assunto que determina a subjetividade e o emocional, mas a imagem que o sujeito faz da coisa, ou seja, a subjetividade está no olhar do sujeito enunciador e na relação entre enunciador e enunciatário.

Exemplo (3): aluna (PP1) e professora de Inglês (TT1)

TT1

Segue em anexo para seu parecer e conhecimento o **feedback** da Profa. [...]

Aguardo **feedback**.

PP1

Nota-se no exemplo (3), mais uma vez o uso de um termo na LE para completar a “falta” de um vocábulo na LM, neste caso, não existindo um referente com o mesmo sentido e “peso” (REVUZ, 1998, p.225) na LM. Trata-se aqui de um estrangeirismo “feedback”, muito usado nos contextos de negócio, mas que também revelam identificações, ou seja, o sujeito-enunciador somente faz uso deste termo por se encontrar na mesma formação discursiva do sujeito-enunciatário, compartilhando do mesmo imaginário. Assim, a subjetividade é construída nessa relação e manifestada lingüisticamente através do trânsito ora em LM e LE.

Exemplo (4): dois professores de Inglês, Mulher (XX) e Homem (YY)

Olá XX,

O ano se acabou e [coisas profissionais em português]

I still dream about teaching [personal things, but in english], but...

Keep me posted, I'm just back from the summer break.

Take care,

YY

No exemplo (4), embora iniciado em LM (O ano se acabou e...[continua em português]), nota-se a freqüente presença de expressões em LE. Neste enunciado, fica evidente a constituição subjetiva do sujeito bilíngüe que opta por discorrer a respeito de questões pessoais em inglês (*I still dream about teaching*). O uso do substantivo “dream”, altamente pessoal e subjetivo, inerentemente do sujeito-enunciador, marca na LE esse lado emocional, supostamente inconsciente e interdito na LM, conforme postulamos em nossa hipótese. Em suma, o sujeito se identifica através do lugar do outro, ou seja, da outra língua, a estrangeira, que lhe dá “asas” para falar do mais íntimo de si (“dreams”, “summer break”, “take care”)

No intuito de concluir a análise dos e-mails, trazemos Melman (1992), para o qual saber uma língua quer dizer ser falado por ela e não apenas falá-la, tendo a ilusão de domínio de suas estruturas e sentidos. O autor salienta que a língua fala no sujeito, ou melhor, que ela se enuncia por sua boca. Em outras palavras,

quando o indivíduo se torna um sujeito de linguagem, este passa a ser sabido pela língua e não a sabê-la, já que é através dela que o desejo interditado que o constitui, se dá a escutar, embora o sujeito não se dê conta disso. Assim, não é o sujeito quem sabe a língua, mas sim a língua que “sabe” o sujeito.

Para dar prosseguimento à análise, utilizamos também um questionário que foi respondido por sujeitos bilíngües de diferentes áreas profissionais. Ao todo, foram feitas cinco entrevistas com 11 questões que visaram focalizar a constituição identitária dos sujeitos entrevistados. Dentre as 11 questões formuladas, analisaremos apenas aquelas consideradas relevantes para o nosso trabalho.

Para a questão (7) “*Como você avalia seu desempenho lingüístico na língua materna (português) e na língua estrangeira (inglês)?*”, obtivemos as seguintes respostas:

S1: Bom em português e médio em inglês.

S2: Tenho um bom português (escrever e falar) e um bom inglês (escrever e falar).

S3: Meu desempenho em inglês é fluente e posso me comunicar confortavelmente em qualquer assunto mesmo quando não tenho o vocabulário necessário em algum momento. No entanto não posso dizer que meu desempenho lingüístico em inglês seja o mesmo que em minha língua materna.

S4: Creio que meu desempenho seja satisfatório para as minhas necessidades em ambas as línguas.

S5: Fluente em ambas. Mas tenho melhor julgamento na minha língua materna, o português.

Nota-se nos enunciados proferidos que, embora os sujeitos respondam possuir maior domínio na LM do que na LE, exceto S2 e S1, que indicam ter o mesmo desempenho lingüístico em ambas as línguas, ao responderem a questão do enunciado (5) “*Atribua a pontuação de 1 a 5 ao seu conhecimento da Língua Inglesa, considerando que 1 equivale a “conhecimentos básicos” e 5, a “fluente”*”, (S2), (S3), (S4) e (S5) sugerem um desejo de se aproximar do lugar do falante nativo da LE ao atribuírem pontuação (5) para o desempenho lingüístico, supondo-se que (5) indica fluência no idioma, ou seja, falar como nativo. Com base na pontuação atribuída à sua fluência na LE, pelos sujeitos citados acima, observa-se que o desejo do enunciador é o de se aproximar do lugar do falante nativo da LE, ao mesmo tempo em que se distancia do lugar do falante nativo da LM. Assim, (S2), (S3), (S4) e (S5) se identificam com o saber do falante nativo da LE e assumem uma posição de destaque em relação ao saber do falante nativo da LM. Isso aponta para o processo de identificação com a língua do outro, que passa a ser

constitutivo da identidade do sujeito bilíngüe, além de deslocar as identificações com a LM e o lugar por ela ocupado.

Na questão (9) *“Ao visitar um país cuja língua materna é a língua inglesa, como se sente em relação aos falantes nativos, à sua cultura e ao povo?”*, notou-se que os sujeitos sentem-se bem à vontade com relação à cultura e à língua do outro país. Essa relação com a cultura e língua estrangeira, encarada como positiva pelos sujeitos entrevistados, nos indica que inconscientemente esses sujeitos desejam ocupar o lugar do outro, já que se sentem capazes e à vontade ao se interagirem com falantes nativos de uma outra língua. É o que se nota em (S3):

“Muito confortável, tenho amigos nos Estados Unidos e meu contato com eles, embora esporádico, é muito amigável e próximo. Adoro conversar, poder usar expressões novas, aperfeiçoar a pronúncia, ritmo e entonação, ampliar meu vocabulário, aprender sobre a cultura e estilo de vida, me aprofundar em diferentes assuntos, etc...”

e (S4):

“Não tive problema algum em me adaptar à cultura do outro país. Sou bem flexível e foi isso que me ajudou a libertar todos os medos. Minha relação com os falantes nativos foi muito boa. Fiz muitos amigos com quem ainda mantenho contato.”

Ao declararem ter um bom relacionamento com a cultura, com a língua e com os falantes de um outro país, ou seja, algo quase natural, fica evidente, a sua inserção identitária e filiação no desejo do outro, enquanto estrangeiro (MELMAN, 1992, p. 19).

E por fim, para avaliar nossa hipótese, analisaremos a questão (11) *“No caso de seu interlocutor ser também bilíngüe e estarem interagindo, via e-mail, qual língua geralmente é privilegiada? Costumam ocorrer mudanças nas línguas? Ora em português, ora em inglês? Em que situação isso ocorre?”*. Para essa questão obtivemos as seguintes respostas:

(S1) *“Geralmente em português com algumas palavras em inglês de modo aleatório”*.

(S2) - *“Via e-mail, gosto de interagir em inglês. É mais fácil elaborar a redação de um texto em inglês. Talvez por exercitar a leitura em inglês com mais frequência. Tanto em situações mais formais quanto em situações pessoais”*.

(S3) - *“Sim, quando me comunico com alunos que são fluentes em Inglês, num contato extra classe, a interação sempre ocorre em Inglês. No que diz respeito a colegas ou amigos, prefiro usar a língua materna, sendo que muitas vezes ocorrem mudanças (quando todos envolvidos falam a segunda língua). Estas mudanças geralmente acontecem quando não há tradução para uma palavra, ou se trata de um assunto específico, quando estou falando de*

*trabalho e outras vezes **pra brincar um pouco** . Em situações de trabalho , numa escola por exemplo (na sala dos professores,durante seminários ou cursos de treinamento) , dou preferência para a língua inglesa.”*

(S4) – *“Depende muito da ocasião. Ora uso o inglês, ora o português. Depende também da oficialidade do e-mail. Na maioria das vezes ele é escrito em português para não haver desentendimento sobre a informação que se deseja passar”.*

(S5) – *“O português. Às vezes usamos palavras **ou cumprimentos em inglês**. Não há regras para o momento em que as mudanças ocorrem, **vai muito do “mood” de cada um naquele dia.**”*

Diante das respostas obtidas nos enunciados acima, postulamos que a constituição subjetiva desses sujeitos bilíngües se dá na tensão em dois âmbitos - entre a LM e a LE e – entre essas e o ciberespaço, o e-mail, neste caso.

Observa-se que, embora S1 acuse o uso de LE em e-mails “de modo aleatório” e S2 diz “preferir sempre escrever e-mails em inglês”, os demais não deixam de admitir o lado emotivo como detonadores dessas trocas. Por exemplo, (S3) admite usar a LE “pra brincar”, uma atividade muito pessoal e íntima e (S5) diz utilizar a LE em cumprimentos, ou ainda que a troca das línguas é motivada pelo “**MOOD** de cada um”, isso mesmo, o sujeito preferiu expressar a imagem de “humor”, ou seja, aquilo que movimenta a troca de língua – LM X LE- , em inglês “mood”, ao invés de utilizar o termo correspondente em português. E o que é que faz mudar os códigos, segundo o sujeito? Algo que é inerentemente pessoal, emotivo, íntimo: o humor. Assim, (S5) não só admite a LE para situações pessoais como “cumprimentar”, mas se expressa em LE para responder à questão marcando lingüisticamente a construção de sua identidade no “outro”, já que ao utilizar uma outra língua, o sujeito preenche a falta, desejando e se identificando com o que é do outro, com o que não possui.

Ainda, dando continuidade à análise, (S4), embora admita que a troca dependa da situação, em e-mails, a questão da oficialidade vai interferir e, por isso, prefere escrevê-los “em português para não haver desentendimento sobre a informação que se deseja passar”. Assim, o sujeito explicita os sentidos que ambas as línguas desempenham para ele: a materna, da objetividade, dos negócios, do apagamento dos mal entendidos e a estrangeira, por oposição, embora implícita, da subjetividade, do lado pessoal e da emergência dos mal entendidos. Pois, como afirma CORACINI (2003), a língua materna é o lugar da interdição, onde nossos desejos são abafados, em contrapartida, a língua estrangeira é o lugar permitido para dar vazão a esses desejos interditados. Desse modo, conhecer e utilizar uma outra língua não significa conhecer e utilizar um

novo código, mas sim se re-significar no discurso do outro, isto é, adquirir uma nova identidade.

À GUIA DE CONCLUSÃO

Ao interagir no ciberespaço, através de e-mails, talvez pelo fato da não presença do interlocutor, os sujeitos se soltam, falam de assuntos pessoais, emocionais, etc. Dessa forma, então, os sujeitos bilíngües, ao transitar entre um gênero discursivo profissional ou acadêmico para um gênero mais pessoal, não estão somente alternando o código, mas sim, manifestando a sua constituição identitária através dos sentidos que as línguas originam neles. Sendo assim, a subjetividade do sujeito é constituída por e nessa relação, ou seja, no entrecruzamento da LM e LE.

Por sua vez, com base nas respostas obtidas por intermédio de uma entrevista com sujeitos bilíngües, como citado anteriormente, verificou-se que os efeitos de sentido provocados pela transição entre uma língua e outra denunciam, também, a constituição subjetiva do sujeito.

Assim, pode-se considerar que a análise comprovou então a nossa hipótese. Verificou-se que a constituição identitária do sujeito bilíngüe opera pelos efeitos advindos no e pelo trânsito entre LM e LE que se materializam em dois sentidos: a LM aparece como o lugar mais apropriado do profissional, do acadêmico, etc. e a LE (inglês) é o terreno, para o sujeito bilíngüe, no qual ele deixa resvalar o seu lado emocional e subjetivo, dando-se o direito de irromper aquilo que “fora interdito” pela e na LM. Assim, ao ocupar o lugar do outro, ou do discurso do outro, o sujeito se estranha e se re-significa, pois passa a ter dois lugares discursivos, com significações e manifestações discursivas distintas, diferentemente do sujeito monolíngüe que ocupa apenas um lugar e tem que significar tudo a partir desse único e derradeiro lugar.

Conclui-se, portanto, que é através da cisão ocorrida entre a LM e a LE que se denuncia a construção identitária de sujeitos bilíngües, pois, ao utilizar uma nova língua no ciberespaço, o sujeito se re-significa no discurso do outro, ou seja, adquire uma nova identidade, identidade esta constituída na e pela tensão entre a LM e a LE e entre essas e o ambiente virtual, ou seja, no entre-lugar entre LM, LE e ambiente virtual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CORACINI, M. J. R. F. Língua Estrangeira e Língua Materna: uma questão de Sujeito e Identidade. In: CORACINI, M. J. R. F.(org.). Identidade e Discurso. Campinas, Ed. da UNICAMP; Chapecó: Argo Editora Universitária, 2003.

HALL, S. A Identidade Cultural na Pós-Modernidade. Rio de Janeiro, DP&A, 2005.

LÉVY, P. O que é o Virtual? São Paulo, Editora 34, 2003.

MELMAN, C. Imigrantes. São Paulo, Ed. Escuta, 1992.

REVUZ, C. A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio. In: SIGNORINI, I. (org.). Linguagem e Identidade: Elementos para discussão no campo aplicado. 1998.